

ESTUDO COMPARATIVO DOS PADRÕES DE LEXICALIZAÇÃO DO PORTUGUÊS E DO INGLÊS: OS VERBOS DE MOVIMENTO

Helio Roberto de Moraes (UNESP)

O processo de Lexicalização ocorre quando um componente de significado é encontrado em associação regular com um morfema ou item lexical. Neste trabalho, investigam-se os modos de expressão dos componentes de significado de verbos do português e do inglês que lexicalizam o campo semântico de "movimento espacial". Do ponto de vista da significação interna, o evento "movimento" compõe-se: (i) do "participante" do evento (não necessariamente o Agente) que pode se deslocar ou permanecer estático; (ii) da "trajetória" percorrida por esse "participante"; (iii) do "ponto de referência" que "ancora" o 'deslocamento' ou a "localização" desse "participante"; e (iv) da presença ou ausência do "deslocamento". Além dessa significação interna, o evento "movimento" pode também incluir uma significação externa, resultante da incorporação dos componentes "causa" e "modo" do movimento ao verbo. Essa investigação permite concluir que as duas línguas seguem padrões de lexicalização diferentes com verbos desse campo. Tipicamente, os verbos de movimento do português incorporam o componente "trajetória" na sua significação e, para expressar "modo", selecionam um verbo no gerúndio: "o menino entrou no quarto correndo", em que "entrar" expressa "deslocamento" e "trajetória". Nessa frase, o SPrep "no quarto" expressa o "ponto de referência" e o gerúndio "correndo", o "modo" do deslocamento. No inglês, geralmente,

os verbos não incorporam a "trajetória": o verbo "to run" ("correr"), que expressa uma atividade realizada de um "modo" específico, pode se combinar com um SPrep, que expressa "trajetória", e assim gerar o sentido télico de "deslocamento direcionado", como em "the boy ran into the room". Conclui-se que diferenças como essas devem ser explicitadas nas regras que associam a representações léxico-semântica e léxico-sintática. Em particular, note-se que as duas línguas se diferenciam na utilização da seguinte regra lexical: um verbo que lexicaliza o "modo" é "transformado" em um verbo que lexicaliza o "modo" e a "trajetória". CNPq.

ESTUDO DA INTERAÇÃO ENTRE INACUSATIVIDADE, ESTRUTURA DE ARGUMENTOS E PROJEÇÃO SINTÁTICA

Maria Carolina Ávila (UNESP)

Orientando-se pela hipótese de que a estrutura de argumentos do verbo espelha sua estrutura conceitual, o objetivo deste trabalho é investigar as propriedades léxico-conceituais e léxico-sintáticas dos verbos, especialmente no que diz respeito às alternâncias sintáticas em que eles ocorrem. Para isso, a investigação correlaciona o estudo do fenômeno da inacusatividade, a partir do qual é possível fazer a discriminação dos componentes de significado do verbo que são sintaticamente relevantes, com o estudo da projeção sintática das categorias lexicais. Essa correlação demonstra que os tipos fundamentais de configuração sintática da estrutura e argumentos dos verbos podem ser previstos, em grande parte, por meio das relações de especificador-núcleo e de complemento-núcleo. A hipótese da Inacusatividade distingue duas sub-classes de verbos intransitivos: uma correspondente aos verbos inergativos e outra, aos verbos inacusativos, cada uma delas associada a uma representação sintática distinta. Conforme este trabalho demonstra, o estudo da inacusatividade é um campo profícuo para a investigação das regularidades de associação (linking regularities) entre a estrutura de argumentos dos verbos, em que se realizam os papéis semânticos, e a expressão sintática dessa estrutura. Paralelamente, constatam-se casos em que as relações de complementação e de especificação não são suficientes para explicar o comportamento divergente da estrutura de argumentos de determinados verbos, ou seja, alguns verbos não participam das alternâncias consideradas características para eles. Essa divergência, por sua vez, sinaliza que é necessário recorrer à distinção dos aspectos semânticos do verbo para descrever a realização sintática de seus argumentos, o que auxilia na sistematização do mapeamento entre as configurações temática e sintática. Assim, enfatiza-se que é exatamente o estudo dessa correlação que permite ao linguísta isolar os componentes do significado do verbo relevantes para a sua projeção sintática. [FAPESP]

ESTUDO DAS DIVERGÊNCIAS DE TRADUÇÃO ENTRE PORTUGUÊS E INGLÊS A PARTIR DO EXAME DE VERBOS-SUPORTE.

Mirna Fernanda de Oliveira (UNESP)

O objetivo deste trabalho é apresentar os resultados de uma comparação entre as construções com verbos-suporte do português e suas traduções para o inglês, e o posterior reflexo na elaboração de uma tipologia de divergências de tradução (fenômeno pelo qual a tradução de uma sentença de uma língua para outra resulta numa configuração diferente da original) para a língua portuguesa. Num primeiro momento, traduziram-se construções com verbos-suporte do português para o inglês; posteriormente, identificou-se o tipo de divergência que ocorre entre os pares de sentenças. Num exemplo, na tradução do português *Nós demos uma olhada no nosso condado de outrora* para o inglês *We have peeped at our parish*, gerando uma divergência de caráter lexical. O mesmo procedimento foi aplicado ao exame das divergências léxico-semânticas de

fusão, temática, rebaixamento, açamento, estrutural, categorial e lexical, identificadas no processo de construção do sistema UNITRAN, aplicativo computacional que traduz bidirecionalmente entre inglês, espanhol e alemão. Os resultados apontam para a elaboração de uma tipologia própria de divergências de tradução para a língua portuguesa.

PARADOXO DO PEDESTRE: UMA QUESTÃO DE PSICOLINGÜÍSTICA COMPUTACIONAL

Luiz Arthur Pagani (UFPR)

Na psicolingüística computacional, área em que se busca implementar modelos computacionais para o processamento lingüístico humano, Mark Steedman apontou um suposto paradoxo que esses modelamentos precisariam enfrentar quando são elaborados nos moldes herdados da lingüística computacional, e indicou também uma alternativa para evitá-lo através do emprego da gramática categorial. No entanto, o paradoxo foi contestado por Edward Stabler.

Segundo Steedman (1989), o paradoxo decorre da adoção de três hipóteses: 1) que o processamento lingüístico humano é incremental, 2) que as estruturas gramaticais postuladas pelo principal paradigma lingüístico empregado (geralmente alguma versão da gramática gerativa) sempre apresentam ramificação à direita e 3) que os princípios da gramática devem ser diretamente empregados pelo processador lingüístico humano (hipótese forte da competência). Para não abandonar a hipótese forte da competência, nem a da incrementalidade, Steedman defende o uso da gramática categorial como alternativa para a construção das estruturas gramáticas, já que nela sempre é possível encontrar uma estrutura ramificada exclusivamente à esquerda para qualquer expressão.

Contudo, de acordo com Stabler (1991), a falácia cometida na argumentação de Steedman está na expectativa (não explicitamente expressa) de que a interpretação semântica só pode começar depois que o analisador terminou de encontrar um sintagma (Stabler usa o termo "constituente sintático", mas isso parece impreciso). O paradoxo é chamado então de paradoxo do pedestre porque essa expectativa vale para a metáfora da análise gramatical como se fosse uma caminhada, na qual se deve dar um passo depois do outro; no entanto, empregando a metáfora do preparo de uma refeição, ele afirma que nenhum cozinheiro terminaria de fazer a salada antes de começar a preparar a carne, ainda que esta tenha que ser servida depois daquela. Da mesma maneira, na análise gramatical, uma estratégia não-pedestre trata a análise sintática e a interpretação semântica como tarefas a serem realizadas intercaladamente.